MÚSICA MISSIONÁRIA NA AMÉRICA PORTUGUESA

Paulo Castagna

1. Introdução

Apesar dos princípios similares que nortearam a atuação dos missionários jesuítas na América Espanhola e na América Portuguesa, os resultados observados nas duas regiões foram muito diferentes. O processo de colonização e as atividades econômicas que se estabeleceram nos domínios portugueses da América, correspondentes ao atual Brasil, como a ocupação de grandes territórios para o plantio de cana-de-açúcar ou criação de gado, a atuação dos bandeirantes, caçadores de índios para sua venda como escravos, as guerras contra os holandeses e contra os próprios índios inimigos dos portugueses, acarretaram a extinção dos americanos nativos da costa brasileira já durante o século XVII. A exploração de minérios como ouro e diamante, a partir de fins desse século criou, em torno das Minas Gerais, uma atividade econômica capaz de provocar aumento substancial da população de colonos no Brasil, sobretudo pela intensificação do afluxo de portugueses e de escravos africanos, empurrando os poucos índios que sobreviveram para o interior das grandes florestas, no centro e norte do país.

Se em muitas regiões da atual América Espanhola observamos que grande parte da população é formada por mestiços de índios e europeus, ou mesmo por índios nativos, a maioria dos habitantes das grandes cidades brasileiras é constituída por brancos, negros e mestiços de brancos e negros. A maior parte das populações indígenas e mestiças de índios e europeus que vivem no Brasil, encontram-se atualmente em territórios das regiões Centro-Oeste e Norte, regiões em sua maioria ainda ocupadas por florestas tropicais e que não participaram com tanta intensidade dos movimentos econômicos coloniais.

Os jesuítas, que chegaram Brasil em 1549 para trabalhar na conversão dos naturais ao cristianismo, tiveram que encarar duas tarefas de realização extremamente complexa: na segunda metade do século XVI e primeiras décadas do séc. XVII lutaram contra a resistência dos índios a esse processo, enquanto nos períodos subseqüentes lutaram contra o desaparecimento dos mesmos índios, devido aos avanços da colonização. Por outro lado, os indígenas brasileiros se viram entre a deculturação promovida pelos jesuítas em nome do ideal cristão, e a submissão à colonização branca, por escravidão, morte ou, no mínimo, expulsão de seus territórios nativos.

A história dos jesuítas na América Portuguesa iniciou-se em 29 de março de l549, com a chegada dos primeiros quatro missionários na Bahia, entre eles Manuel da Nóbrega, o primeiro Provincial da Companhia de Jesus no Brasil. Apesar de outras ordens católicas enviarem missionários para a América Portuguesa, foram os inacianos os que mais se empenharam na catequese dos indígenas até que, em 1759, foram obrigados a se retirar de seus domínios. Tão logo se iniciava a aventura, seus representantes inauguravam, dentre todos os métodos que utilizariam, uma prática que, com algumas diferenças, subsiste até hoje nos sertões do país: o ensino de orações e

outros textos cristãos cantados, tanto na "língua brasílica" quanto em línguas ibéricas, ou seja, o português e o espanhol.

O ensino musical, durante a permanência dos jesuítas no Brasil, sempre foi intenso, desempenhando forte papel no ministério com os indígenas. A documentação jesuítica dos séculos XVI e XVII informa que, no Brasil, os índios chegaram a ser treinados na execução de alguns instrumentos, em *cantochão* (canto gregoriano) e em *canto de órgão* (polifonia), para suprir a música das cerimônias religiosas nos núcleos de assentamento indígena as aldeias. No início do século XVII, quando o número de índios aldeados começou a diminuir sensivelmente, surgiram os "nheengaribas" ou "músicos da terra", como seriam conhecidos entre os portugueses, índios capazes de reproduzir todas as manifestações musicais básicas do culto cristão e que normalmente viajavam de aldeia em aldeia levando seus instrumentos musicais, normalmente charamelas. Na costa brasileira não se registrou, no entanto, a intensa produção musical e a preservação de grande quantidade de manuscritos musicais como se observou nas missões jesuíticas da América Espanhola nos séculos XVII e XVIII, o que pode ser explicado pelo desaparecimento dos naturais americanos dessa região já no séc. XVII.

Inicialmente, nos ocuparemos não do ensino musical adiantado, aplicado somente aos indígenas que se mostrassem mais dotados e freqüentassem as classes superiores. Interessa-nos, em primeiro lugar, o ensino básico de canções, nas "casas" e aldeias da Companhia, por meio das quais os "curumins" - meninos indígenas - recebiam os elementos necessários e suficientes para a vida cristã: musicalmente, aquele que resultaria no efeito que José Ramos Tinhorão cunhou de "*a deculturação da música indígena*",[1] cuja função era substituir a tradição musical nativa, por um repertório essencialmente cristão. Se a função das grandes cerimônias oficiadas a coros com instrumentos era levar aos índios a exuberância do universo cristão, a função das canções simples, normalmente cantadas na língua dos próprios índios, era transmitir o significado dos principais símbolos e mistérios cristãos.

Do ponto de vista histórico, o estudo da música que chegou ao Brasil nos séculos XVI e XVII pelo trabalho da Companhia de Jesus, é aquele que mais tem atraído os pesquisadores que se ocuparam desse período na musicologia brasileira, em grande parte estimulados pelas numerosas publicações do historiador português Serafim Leite. Apesar da documentação acessível ser, em sua maioria, referente ao século XVI, a quantidade de informações que esses religiosos nos legaram são de uma riqueza extraordinária, jamais igualada por escritores de outra espécie.

Fenômeno tipicamente ibérico, oriundo da reação católica às reformas protestantes, a criação da Companhia de Jesus, em 1534, trouxe enormes conseqüências na colonização do Brasil e sensíveis implicações na história de nossa prática musical. Chegados na Bahia em 1549, o mesmo ano em que lá se instalou o Governo Geral, os jesuítas iniciaram de imediato suas atividades no ensino e no ministério religioso da província.

Intensamente preocupados com a educação, cuja finalidade era tornar generalizado no povo americano o respeito ao soberano português e ao Deus romano, os religiosos da Companhia lograram, em menos de 150 anos, a implantação de todas as categorias de ensino necessárias ao cumprimento de seus propósitos.

De extrema importância para a musicologia é o estudo do ensino que os jesuítas levaram às crianças indígenas. Em todos os estabelecimentos da Companhia, os meninos brasílicos estiveram presentes como catecúmenos. Os mais dotados aprendiam a cantar e tocar instrumentos, com a finalidade de levar a música às missas, procissões,

---

[1] TINHORÃO, José Ramos. A deculturação da música indígena brasileira. *Revista brasileira de Cultura*, Rio de Janeiro, n.13, jul/set 1972, p.9-25.

festas e autos promovidos por esses religiosos. Mas a música também foi usada no próprio processo de catequese, que visava dar aos *curumins* os elementos básicos da vida cristã.

Até há pouco, imaginava-se que a catequese tivesse sido uma conquista efetiva da Companhia, na qual a música teria participado ativamente. De fato, o uso da música foi constante, como revela a documentação de que hoje dispomos. Porém, a historiografia contemporânea demonstrou que, das três fases pelas quais deveria passar o índio - catequese, batismo e conversão - apenas as duas primeiras foram levadas a efeito e, mesmo assim, de forma imperfeita. Apesar da legislação católica do século XVI instituir todas as formas possíveis para a implementação desse processo, os resultados que os jesuítas alcançaram foram bem diversos daqueles previstos nas teorias dos discípulos de Santo Inácio.

As missões jesuíticas do século XVI, na prática, acabaram funcionando como enormes reservas de trabalhadores escravos, que dali sairiam com os conhecimentos mínimos para o cumprimento das ordens dos proprietários de terras, juntando-se à massa de escravos indígenas que era tomada diretamente das selvas, sempre com a justificativa da substituição de sua gentilidade pelas normas do cristianismo.

Portanto, é necessário um grande cuidado ao se associar a prática da música européia entre os catecúmenos da Companhia e a música religiosa que servia às populações coloniais nos primeiros séculos de nossa história. Ao que se tem notícia, os conhecimentos musicais que os índios obtinham do aprendizado com os jesuítas, normalmente se perdiam com sua fuga ou morte. Mas a quantidade de índios treinados nessa arte, segundo a documentação, não foi pequena, levando-nos a supor possíveis transferências de músicos ensinados nessas instituições para estabelecimentos de outra espécie.

Sabemos, hoje, que os jesuítas foram os responsáveis pela utilização de diversos instrumentos musicais no ensino dos índios, como as flautas, trombetas, charamelas, baixões, violas, cravos e órgãos. Fizeram difundir *cantigas* e *chansonetas* (aparentadas dos *vilancicos*) e ensinaram a cantar, em latim, português e na língua tupi, as principais orações do rito cristão, ainda no século XVI. Nos seus colégios, casas e aldeias, a música foi utilizada em missas e ofícios, festas, procissões e autos, as famosas representações teatrais que têm sua origem nos dramas sacros da Idade Média.

Em virtude da fartura de informações que existem nos relatos jesuíticos daquela época, dezenas de pesquisadores e musicólogos foram estimulados a estudá-las, mas são poucos os trabalhos que tratam da implicação sociológica da atuação musical jesuítica.

Um aspecto, em particular, nos chama a atenção, quando consultamos esses documentos. Os autores dos relatos deixaram uma boa quantidade de informações sobre o canto de orações cristãs nas línguas brasílicas, como se observa pela sua leitura. E, no século XVII, pelo menos quatro catecismos indígenas foram publicados em Lisboa com esses textos. Os mais comuns eram o *Pater noster*, a *Ave Maria* e o *Credo*.

Existiu, ainda, um outro gênero de textos que os jesuítas prepararam para as crianças indígenas recitarem com melodia. Eram *cantigas*, *romances*, *danças* e outras formas poéticas, utilizadas em várias circunstâncias. Cristóvão Valente (1566-1627) foi o autor de quatro *cantigas* que Antônio Araújo imprimiu no seu *Catecismo na lingoa brasilica*, de 1618, certamente utilizada na catequese dos "gentios". Mas o autor dos textos nada informa sobre a maneira como deveriam ser cantadas. Somente uma pesquisa cuidadosa poderá revelar se essas poesias tinham melodia própria ou se o improviso dos mestres e alunos foi a maneira encontrada para musicá-las.

José de Anchieta também foi autor de versos que os garotos cantaram em vários de seus autos. A coleção completa das poesias de Anchieta foi muitas vezes publicada e

revela um dado extraordinário: em alguns dos textos que esse autor compôs nas línguas de uso corrente na catequese, indicou o título da melodia que deveria ser utilizada, mas parecem não ter sido preservadas melodias com os títulos indicados por Anchieta.

2. Jesuítas e a "língua geral"

A sistematização da "língua geral" ou tupi foi obtida com enorme rapidez. Em 10 de abril de 1549, apenas 12 dias após sua chegada na Bahia, Manoel da Nóbrega informava que trabalhara "*para traduzir em sua língua as orações e algumas práticas de N. Senhor*".[2] De Porto Seguro, a 6 de janeiro de 1550, Nóbrega escrevia que o padre Juan de Azpilcueta Navarro "*Faz também aos meninos cantar à noite certas orações que lhes ensinou em sua língua, dando-lhes a melodia, estas em lugar de certas canções lascivas e diabólicas que antes usavam*".[3] Nóbrega dá a entender que, por essa época, Navarro já compunha ou adaptava melodias européias pré-existentes aos textos religiosos que traduzia na língua indígena.

Navarro foi, de fato, o primeiro jesuíta que se dedicou com afinco a essa nova prática. Por uma carta que escreveu da Bahia, em 28 de março de 1550, ficamos sabendo que ensinava o canto das orações em português e em tupi mas, agora, também "*ao modo de seus cantares*",[4] ou seja, com a utilização de melodias indígenas. Rapidamente, essas orações começaram a se difundir como instrumentos práticos de catequese: em 1551 já eram encontradas nas aldeias de Pernambuco;[5] em 1552 no Rio de Janeiro;[6] em 1553 em São Vicente;[7] em 1554 em Piratininga (hoje São Paulo) [8] e no Espírito Santo.[9] As versões em português eram úteis para o aprendizado da nova língua e as em tupi para a disseminação das idéias cristãs entre os catecúmenos e entre seus pais, menos suscetíveis ao abandono da "gentilidade".

Não somente as orações, mas as "*cantigas de Nosso Senhor pela língua* "[10] eram fáceis de serem aprendidas e quase sempre bem recebidas pelos "meninos da terra". Foi talvez com essa técnica, que os jesuítas obtiveram os maiores sucessos de ensino básico no século XVI, uma vez que as dificuldades no contato com os índios foram permanentes, mantendo sempre distantes os ideais da "conversão".

Resultados maiores sempre foram isolados, como o dos dois meninos indígenas que "*sabem bem ler e escrever e cantar*", os quais Nóbrega pretendia enviar a Lisboa para "*aprenderem lá virtudes um ano e um pouco de latim, para se ordenarem quando*

---

[2] No original: "*por tirar em sua lingoa as orações e algumas practicas de N.Senhor*". Cf. LEITE, Serafim. *Monumenta Brasiliae*. Roma, Monumenta Historica S.I., 1956. v.1, doc. 5, p.112.

[3] No original: "*Fa etiam a la notte cantare a li putti certe orazioni che li ha insegnato nella loro lingua, dando-li esso il tuono, et queste in loco di certe canzone lascive et diaboliche che usavano prima*". LEITE, Serafim. Op. cit., v.11, doc. 10, p.159.

[4] No original: "*en modo de sus cantares*". LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, doc. 14, p.180.

[5] Carta de Antonio Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra. Pernambuco, 2 de agosto de 1551. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, doc. 31, p.258.

[6] Carta anônima aos Padres e Irmãos de Portugal. São Vicente, 10 de março de 1553. In: LEITE, Serafim: Op. cit., v.1, doc. 59, p.429.

[7] Carta de Antonio Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra. São Vicente, 31 de maio de 1553. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, doc. 65, p.478-479.

[8] Carta de Pero Correia a Brás Lourenço. São Vicente, 18 de julho de 1554. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v.2, 1957, doc.17,p.70.

[9] Carta de Brás Lourenço aos Padres e Irmãos de Coimbra. Espírito Santo, 26 de março de 1554. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v.2, 1957, doc. 13, p.43.

[10] No original: "*cantigas de Nosso Senhor polla lingoa*". Carta de Manoel da Nóbrega a Simão Rodrigues, Bahia, 10 de junho de 1552. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, 1956, doc. 48, p.350.

tiverem idade".[11] Ainda que temporariamente manifestassem sua prodigiosidade no aprendizado cristão pois, via de regra, tornavam aos costumes tribais, tão logo terminasse sua condição de catecúmenos, o aproveitamento de casos excepcionais fez com que sempre fosse possível encontrar, aqui e acolá, "curumins" que desenvolvessem uma habilidade na música católica bastante próxima àquela observada em igrejas portuguesas, como atestam os relatos. Assim é que, já em 1551, existem meninos indígenas que "*cantam todos uma missa cada dia*",[12] logo surgindo os que cantam "*missa de canto de órgão*"[13] e os que aprendem "*cantar e tocar frautas*",[14] fenômeno que resultou em casos surpreendentes, ainda em fins do século XVI e que, por falta de espaço, não podemos abordar neste trabalho.

3. Manuel da Nóbrega e a definição da música cristã na catequese

Se a prática simples do canto de orações em português e em tupi mostrou-se eficaz em um primeiro momento, Nóbrega e seus seguidores tiveram de enfrentar, em 1552, vários problemas em relação ao seu procedimento. Pero Fernandes Sardinha, o primeiro bispo da Província do Brasil, chegado à Bahia em outubro de 1551, não aprovou o uso de música tradicional indígena na catequese. Em julho de 1552, D. Pero escrevia ao Padre Provincial, denunciando essa a pratica entre os "meninos órfãos", confraria de meninos colaboradores dos jesuítas, que desde janeiro de 1550 embarcavam de Portugal para o Brasil.[15] O bispo informava, perplexo, que, em companhia do p. Salvador Rodrigues, os meninos cantavam canções a Nossa Senhora nos domingos e dias de festa, utilizando melodias e instrumentos indígenas.

Nóbrega, por sua vez, escrevia ao p. Simão Rodrigues sobre a posição do bispo, informando que "*sou eu tão mal, que suspeito que não há por bem feito senão o que ele ordena e faz, e tudo o mais despreza*".[16] Concordasse ou não, Nóbrega sabia que já eram comuns as duas formas de ensino musical na Bahia, "*de cantigas, na língua indígena e em português*", como escreve Francisco Pires, a 7 de agosto de 1552[17] e "*cantando* [...] *e tocando ao modo dos índios e com suas mesmas melodias e canções, mudadas as palavras em louvores de Deus*", como relatam os meninos órfãos, a 5 de agosto de 1552.[18]

Não resta dúvida sobre a ativa participação da confraria dos meninos órfãos no desenvolvimento e difusão dessa prática, ainda que o bispo acusasse o padre Salvador Rodrigues e o colono português Gaspar Barbosa de serem os inventores dessa "*curiosa*

---

[11] No original: "*sabem bem ler e escrever e cantar*" e "*aprenderem lá virtudes hum anno e algum pouco de latim, pera se ordenarem como tiverem idade*". Idem supra, p.353.

[12] No original: "*cantam todos una missa cada dia*". Cf.: Carta de Atonio Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra, Pernambuco, 2 de agosto de 1551. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1 cit., v.1, 1956, doc. 31, p.258.

[13] No original: "*missa de canto de órgano*". Cf.: Carta anônima aos Padres e Irmãos de Portugal, São Vicente, 10 de março de 1553. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, 1956, doc. 59, p.429.

[14] No original: "*cantar y tañer frautas*". Cf.: Carta de Manoel da Nóbrega a Luís Gonçalves da Câmara, São Vicente, 15 de junho de 1553. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, 1956, doc. 69, p.497.

[15] LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, 1956, doc. 49, p.359-360.

[16] No original: "*Sam eu tão mao, que sospeito que nom ha por bem feyto senao o que elle ordena e faz, e todo o mais despreza*". Cf.: Carta de Manoel da Nóbrega a Simão Rodrigues, Bahia, fins de julho de 1552. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, 1956, doc.51, p.373.

[17] No original: "*de cantigas, pella lingoa e em português*". Cf.: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, 1956, doc. 53, p.396.

[18] No original: "*cantando* [...] *y tañiendo a modo de los negros* [isto é, indios] *y con sus mesmos sones y cantares, mudadas las palabras en loores de Dios*". Cf.: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, 1956, doc. 52, p.385.

e supersticiosa gentilidade".[19] Da mesma carta, de 5 de agosto, é possível concluir que os meninos levavam às aldeias indígenas, tanto orações e cantigas com letra e melodia cristã, ao falarem de "*música que nunca ouviram*", quanto aquelas "*ao modo deles*", com taquaras e maracás, ou seja, com letra cristã e música indígena, justificando sua atuação pela opinião de Nóbrega.[20] Para facilitar sua atividade, os meninos pediam, ainda, que de Portugal lhes enviassem alguns instrumentos musicais, como flautas e pequenos instrumentos de percussão.

Pouco tempo depois, Nóbrega voltou a escrever a Simão Rodrigues, a fim de consultá-lo sobre a questão, pois "*com a vinda do bispo se moveram algumas dúvidas, nas quais eu não duvidava, porque sou soberbo e muito confiado em meu parecer*". Dentre todos os problemas que aborda, é claro no tocante ao uso da música indígena, quando indaga a licitude de se "*cantar cantigas de Nosso Senhor em sua língua pelo seu tom e tanger seus instrumentos de música que eles usam em suas festas*".[21]

Não conhecemos a resposta do P. Provincial, mas é quase certo que a utilização de instrumentos indígenas não foi bem aceita em Portugal, uma vez que esse tipo de relato não volta a ocorrer, mesmo após a morte do bispo. Aliás, a prática mesmo dos "bailes" indígenas será constantemente proibida, como nas *Atas da Câmara da Vila de São Paulo*, em 19 de janeiro de 1583[22] e em 21 de outubro de 1623,[23] ou permitida apenas em certos dias e horários, como na *Visita de Antonio Vieira ao Pará*, em 1658.[24]

3. O cantochão e as cantigas na "língua brasílica"

Ao que tudo indica, a partir de 1553 somente o uso de música cristã foi permitido nos estabelecimentos da Companhia. A música indígena passou a ser conhecida apenas para dela se extrair informações que auxiliassem a catequese, como se encarregou pessoalmente o bispo Sardinha, enviando ao Reitor do Colégio de Santo Antão de Lisboa, em 6 de outubro de 1553, um "tratadinho" sobre o assunto, hoje perdido.[25] Recuperar a música cristã empregada nessas ocasiões, provavelmente formas portuguesas de "cantochão", é tarefa extremamente difícil, sem falar na música indígena utilizada até 1552, sobre as quais não podemos discorrer neste trabalho. Contudo, alguns textos em tupi já são conhecidos, apesar de terem sido pouco estudados, até o presente, sob o ponto de vista musicológico.

Pero Doménech chegou a enviar ao próprio Inácio de Loyola, em outubro de 1552, uma versão do "*Pater Noster em língua brasílica*",[26] infelizmente nunca encontrada. Mas há indícios de serem desta primeira fase da catequese um conjunto de textos religiosos em tupi impressos por André Thevet, em sua *Cosmographie Universelle*, de 1575.

---

[19] No original: "*curiosa y suprestiosa gentilidad*". Cf.: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, 1956, doc. 49, p.359-360.

[20] No original: "*música que nunca oyeron*" e "*al modo dellos*". Cf.: Idem supra, p.383-384.

[21] No original: "*Com a vinda do Bispo se moverão algumas dúvidas, nas quais eu não duvidava, porque sam soberbo e muito confiado em meu parecer*" e "*cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingoa pello seu toom e tanger seus estromentos de musica que elles usam em suas festas*". Cf.: Carta de Manoel da Nóbrega a Simão Rodrigues, Bahia, fins de agosto de 1552. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v.1, 195, doc.54, p.406-407.

[22] ATAS da Camara da Villa de S. Paulo 1562-1696. S. Paulo, Archivo Municipal, v.1, 1914, p.201.

[23] ATAS da Câmara da Villa de São Paulo 1623-1628 . Idem, v.3,1915, p.56.

[24] LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro; Lisboa, Livraria Portugalia, 1943. v.4, cap.II, p.113.

[25] LEITE, Serafim. *Monumenta Brasiliae*. Idem, v.1, 1957, doc.2, p.11.

[26] No original: "*Pater Noster en lingua brasil*".

Thevet esteve no Rio de Janeiro entre 10 de novembro de 1555 e 31 de janeiro de 1556, onde encontrou Cunhambeba, chefe dos índios tupinambá, aliado dos franceses. O cosmógrafo do rei da França afirma que, levado pela curiosidade de Cunhambeba, resolveu "*verter e adaptar à sua língua, com auxílio de um escravo cristão, nossa Oração Dominical, a Saudação Angélica e o Símbolo dos Apóstolos, a fim de levar esse grande Rei e todos os seus súditos ao conhecimento de sua saúde e admiração dos feitos de Deus*".[27] Considerando-se que os franceses não empreenderam qualquer tipo de catequeses no Rio de Janeiro e, sabendo-se ainda, que jesuítas já haviam estado com índios daquelas localidades, onde, em fins de 1552, "*os fazia decorar cantares de Nosso Senhor em sua língua e lhes fazia cantar*".[28] Provavelmente, Thevet obteve versões jesuíticas dos principais textos utilizados na catequese,[29] ouvindo-os de algum índio que os aprendeu com missionários da Companhia, talvez mesmo seu escravo cristão. Sejam ou não de origem jesuítica, são essas as versões mais antigas que se conhecem do *Pater Noster*, da *Ave Maria* e do *Credo* em tupi, denominados, respectivamente, "Oraison Dominicale en Sauvage", "Salutation Angelique" e "Le Simbole des Apostres":

Oraison Dominicale en Sauvage

Ore rure vbacpé Ereico. Toicoap pauemgatu aua vbu
Iagatou oquoauae charai b-amo derera reco
Oreroso Ieppé vuacpé. Toge mognanga
deremipotare vbucpé vuacpé igemonang iaué.
Araiauion ore remiou Zimëeng cori oreue. De guron oréuo
orememoan angai paue supé, orerecomemoa-sara supe supe oregiron iaué.
Eipotarume aignang oremomoaugé. Eipea pauemgne ba ememoam ore fuy.
Emona né toico, Iesus.

Salutation Angelique.

De rori Maria Toupan oico de irumnamo de ognonnian,
Ereico imombeou gatoupiramo cogna sui ae aué
de suy osanuae puera de Iesus.
Sancta Maria Toupan su eieruré demembouira supé
tigburon oreue, ore memoan angat paua supé.
Emona ne toico Iesus.

Le Simbole des Apostres.

Arobia Toupan rouua mae letiroan supé y hauangauemaë
Vbacque mognangare, vboy aue mognangare.
Arobia Iesu Christo taure ô Ieppé, Toupan Espirito sanctos, ô Iaese,
Igemosae nandape turi y anderoo rauo aëosen Maria virgon suy,
baërasy catúpaue. Pilato oiporarauoap ysupé vbuira gecunasaue
riymo iamaruca seon rire, ita caramemoam
Pupe ytuma yanga oso ognanga retam,
aësioytury ouo oraue, opoerape
carai caturamo oicouë mosapoi araroupe ygeou poiri

---

[27] No original: "*tourner & reduire en leur lãgue, auec vn esclaue Chrestiê, nostre oraison Dominicale, la salutatiõ Angelique, & le Simbole des Apostres: afin d'attirer ce grand Roy, & tous ses subiets, à la cognoissance de leur salut, & admiration des faits de Dieu*". Cf.: THEVET, André. *La Cosmographie Universelle* [...]. Paris: Guillaume Chandiere, 1575. v.2, cap.VIII, f. 294v.

[28] No original: "*les hazia decorar cantares de N.Señor en su lengua y les hazia cantar*". Cf.: Carta anônima aos Padres e Irmãos de Portugal, São Vicente, 10 de março de 1553. In: LEITE, Serafim. *Monumenta Brasiliae*. Idem, v.1, 1956, doc. 59, p.429.

[29] THEVET, André. Op. cit., v.2, 1575, cap.VIII, f. 925r.

vbacpé teonbouere reid suy oua picqua ô iuoua,
Ecatouuaua, cotoyoine maëtetiroan supe yhauan
gabmae aesuiturine oicaueuaë, omenoueuae,
puera, recopuera repugme enge ysupene,
Arobia Espirito sanctos, Arobia Toupan roqu_gemonga-raipaue
Toupan rofe ogerobia ruuae gemongaraipaue:
Arobia ychegnuam pupe catou Toupan roupapé
y cataicatonae gagnugnangaue à se raroaue soupé
gurundaua à se rete poëropaue, Arobia Toupan
roripaue à sereco be boucon.
Emona ne toico Iesus.

Iniciou-se uma nova fase, por essa época, com a intensificação do uso de orações e de "cantigas", gênero originalmente português e profano, mas com nova letra, agora cristã e, na maioria das vezes, vertida para o tupi. Essas cantigas se diferenciavam do canto das orações por utilizarem melodias medidas, ou seja, com compasso e ritmo próprio. São citados, a partir de então, "*cantares de Deus em sua língua*",[30] "*Salve Regina e Ladainhas*",[31] o "*Rosário do Nome de Jesus*",[32] "*cantares devotos e diversos*" e o "*Veni Creator Spiritus*",[33] além da costumeira música para as missas e festas, inclusive com o uso de instrumentos.

Papel importantíssimo, nessa fase, desempenhou o padre José de Anchieta, no Brasil de 1553 a 1597. Quirício Caxa, em 1598, informa que "*compôs também cantigas devotas na língua, para que os moços cantassem*"[34] e Pero Rodrigues, em 1607, afirma que "*Mudava cantigas profanas ao divino, e fazia outras novas, à honra de Deus e dos santos, que se cantavam nas igrejas e pelas ruas e praças, todas mui devotas com que a gente se edificava e movia ao temor e amor de Deus*."[35]

Um volume das poesias de Anchieta foi recuperado e está hoje impresso.[36] Escritas em português, tupi, espanhol e latim, grande parte delas destinava-se ao canto, havendo, entre os próprios depoimentos que no século XVII se anexaram aos processos para a sua beatificação, relatos de pessoas que declararam ter entoado tais cantigas.[37] Mas a informação mais importante que aparece nesse volume, são as indicações, em algumas das poesias, da melodia que deveria ser utilizada. Anchieta registrou, ao lado

---

[30] No original: "*cantares de Dios en su lingua*". Cf.: Carta de José de Anchieta a Inácio de Loyola. Piratininga, setembro de 1554. In: LEITE, Serafim. *Monumenta Brasiliae* Idem, v.2, 1957, doc. 23, p.112.

[31] No original: "*Salve e ladainhas*". Cf.: Carta de Antonio Rodrigues a Manoel da Nóbrega. Paraguaçu (Bahia), 28 de setembro de 1559. In: LEITE, Serafim. Monumenta Brasiliae. Idem, v.3, 1958, doc. 26, p.155.

[32] No original: "*rosário do Nome de Jesu*". Cf.: Carta de Rui Pereira aos Padres e Irmãos de Portugal In: LEITE, Serafim. Idem supra, v.3, 1958, doc. 40, p.296.

[33] No original: "*cantares devotos y diversos*" e "*Veni Creator Spiritus*". Cf.: Carta de Amaro Gonçalves a Francisco de Borja. Bahia, 16 de janeiro de 1568. In: LEITE, Serafim. Idem supra, v.4, 1960 doc. 60, p.440 e 445.

[34] No original: "*compôs também Cantigas devotas na língua, para que os moços cantassem*". Cf.: CAXA, Quirício. Breve relação da vida e morte do P . Jose de Anchieta (1598). In: LEITE, Serafim. A primeira biografia inédita de José de Anchieta. *Broteria*, Lisboa, v.18, mar/abr. 1934, p.14.

[35] No original: "*Mudaua cantigas profanas ao divino, e fazia outras nouas, ha onrra de Deus e dos santos, q. se cantauã nas Igrejas e pellas ruas e praças, todas muy devotas com que. a gente se edeficaua, e mouia ha temor e amor de Deus*.". Cf.: RODRIGUES, Pero. Vida do Padre José de Anchieta pelo Padre Pedro Rodrigues conforme a cópia existente Biblioteca Nacional de Lisboa (1607). *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, v.29, 1907, p.209.

[36] ANCHIETA, Joseph de. *Poesias*; Manuscrito do século XVI, em portugues, castelhano, latim e tupi; transcrição, traduções e notas de M. de L. de Paula Martins. São Paulo: Ed.Comemorativa do IV Centenário da Fundação de São Paulo, 1954. 833 p.(Museu Paulista, Documentação Linguistica, 4; Boletim 4)

[37] ANCHIETA, Joseph de. Idem supra, prefácio de Hélio Abranches Viotti, p.xxiv-xxv.

de alguns textos, o nome de cinco melodias ibéricas, todas já desconhecidas: a "*Canção do moleiro*", "*El ciego amor*", "*Quien tiene vida en el cielo*", "*O sem ventura*" e "*Querendo o alto Deus*". O emprego de melodias pré-existentes foi informado somente por Anchieta, mas é um indício de que o processo deveria ser comum no século XVI.

Rogério Budasz recentemente demonstrou que, mesmo em poesias nas quais a melodia não foi indicada por Anchieta, o processo de construção do texto, conhecido em como "divinização", nos permite conhecer algumas melodias com as quais essas poesias foram cantadas. Nesse processo, poesias hoje encontradas em cancioneiros ibéricos do século XVI eram alteradas, de modo que seu conteúdo profano fosse convertido em religioso, como ocorre no exemplo ibérico "*Venid a sospirar al verde prado*", transformado por Anchieta em "*Venid a sospirar con Jesu amado*", provavelmente com a preservação da melodia original.[38]

4. Catecismos na "língua brasílica"

A proliferação desses gêneros e a necessidade de sua sistematização estimulou, a partir da década de 1570, a produção de catecismos em tupi, para uso dos missionários. Um autor anônimo do século XVI informa que "*O p. Leonardo* [do Vale] *compôs este ano* [1574] *uma doutrina na língua do Brasil, quase trasladando a que fez o P. Marcos Jorge* [em 1571]."[39] Escrevendo sobre os índios das aldeias da Bahia, já em 17 de dezembro de 1577, Luís da Fonseca declara que "*Les Dimanches et jours de festes leurs enfans vont chantant par les rues le Catechisme en langue Brasiliane, te Portugaise si dextrement, qu'ils ne adent en rien aux enfans des Portugalois*".[40] José de Anchieta teve um papel fundamental nesse processo. Em fins do século XVI preparou uma arte de gramática da língua brasílica e uma doutrina cristã em diálogos,[41] cuja publicação foi autorizada pelo Santo Ofício em 1594, mas apenas a arte de gramática foi realmente impressa:[42]

Somente em 1618 foi publicado o primeiro catecismo "brasílico", dirigido por Antonio de Araújo (*Catecismo na língua brasílica*...),[43] reimpresso em 1686, com correções e atualização da língua por Bartolomeu de Leão (*Catecismo brasílico da doutrina christã*...).[44] Essa obra, além de conter as principais orações católicas, entre elas o "*Padre nosso*", a "*Ave Maria*", a "*Salve Rainha*" e o "*Credo*" em tupi, normalmente cantados pelos meninos indígenas, traz o texto de quatro "*Cantigas na língua, para os meninos da Sancta Doutrina. Feitas pelo Padre Cristóvão Valente*

---

[38] BUDASZ, Rogério. A presença do Cancioneiro Ibérico na Lírica de José de Anchieta - um Enfoque Musicológico. *Revista de Música Latino Americana / Latin American Music Review*, Austin, v.17, n.1, p.42-77, Spring / Summer 1996.

[39] No original: "*El pe. Leonardo* [do Vale] *compuso este año* [1574] *una doctrina en la lengua del Brasil quasi tresladando la q hizo el Pe. Marcos Jorge* [in 1571].". Cf.: História dos Collegios do Brasil; Manuscripto da Bibliotheca Nacional de Roma (copia). *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Bibliotheca Nacional, v.19, 1897, p.117.

[40] No original: "*Les Dimanches & iours de festes leurs enfans vont chantant par les rues le Catechisme en langue Brasiliane, & Portugaise si dextrement, qu'ils ne adent en riê aux enfans des Portugalois*". Cf.: *Lettres dv Iappon*, *Perv*, *et Brasil* [...]. Paris, Thomas Brumen, 1578. p.54.

[41] Cf.: ARAÚJO, Antonio de. *Catecismo na Lingua Brasilica*; Reprodução fac similar da 1a. edição (1618). Rio de Janeiro, PUC do Rio de Janeiro, 1952. Apresentação de A. Lemos Barbosa, p.IX-XI.

[42] ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua brasílica*. Coimbra, 1595.

[43] ARAÚJO, Antonio de. *Catecismo na Lingoa Brasilica* [...]. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1618. 16 f. inum., 179 f. num 1 f. inum.

[44] ARAÚJO, Antonio de. *Catecismo Brasilico da Doutrina Christaã* [...]. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1686. 16 f.inum., 371 p., 4 f. inum.

Teólogo, e mestre da língua".[45] Na edição de 1686, intitulam-se "*Poemas brasílicos do Padre Cristóvão Valente, Teólogo da Companhia de Jesus, emendados para os meninos cantarem ao santíssimo nome de Jesus*".[46]

Estas cantigas, à semelhança das de Anchieta, difundiram-se por longas distâncias. Em 1698, 80 anos após sua publicação em Lisboa, João Felipe Bettendorf informava que uma delas, "*Tvpa ci angaturama / Sancta Maria xejâra*", ainda era cantada nas aldeias do Pará, em fins do século XVII.[47] Cantigas e orações cantadas em tupi já eram extremamente usuais na época de Cristóvão Valente (1566-1627), entre os indígenas aldeados pelos jesuítas, como atesta Pierre du Jarric, em 1610:[48]

> "*Assim que esses bárbaros começam a tomar gosto e a se afeiçoar às coisas da nossa santa fé, envolvem-se então com os catecúmenos, dando às árvores, barcos e rios os nomes sagrados de Jesus e Maria, cantando com singular gosto e prazer o* Pater noster, *a* Ave Maria, *o* Credo *e outras orações cristãs.*"

Sebastiano Berettari, em 1618, dá este depoimento:[49]

> "*Depois que tocam e rezam as* Ave Marias, *antes de ouvir Missa, juntam-se à porta da igreja os meninos e meninas brasís, e divididos em dois grupos cantam a coros, em alta voz, o Rosário da Virgem. Dão princípio ao Rosário os meninos, dizendo:* Bendito e glorificado seja o santíssimo nome de Jesus; *e respondem as meninas:* e o da santíssima Virgem Maria sua mãe, para sempre. Amem. *E logo começam cantando seu Rosário; depois de cada dez* Ave Marias, *dizem o* Gloria Patri; *e*

---

[45] No original: "*Cantigas na lingoa, para os meninos da Sancta Doctrina. Feitas pello Padre Christouaõ Valente Theologo, et mestre da lingoa*".

[46] No original: "*Poemas brasilicos do Padre Christovão Valente, Theologo da Companhia de Jesus, Emendados para os mininos cantarem ao Santíssimo nome de Jesus*".

[47] BETTENDORF, João Felipe. Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão (1698). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brazileiro*, Rio de Janeiro, v.72, parte 1, 1910, p.271.

[48] No original: "*De la vingt que ces barbares commencerent prendre goust & s`affectioner aux choses de nostre saincte foy, si que plusieurs demanderent d'estre enroolez au nombre des Catechumenes, lesquels faisoyent retenir les bois, le chalups, & les riuages des noms sacrez de Iesvs, & de Marie, chantans auec vn singulier goust & plaisir, le Pater, l'Aue, le Credo, & les autres oraisons Chrestiennes.*" Cf.: JARRIC, Pierre du. *Seconde Partie de l'Histoire des choses plus memorables advenues tant ez Indes Orientales, que autres pais de la descouuerte des Portugais* [...]. Bourdeaus: Simon Millanges Imprimeur, 1610. Cap.XXV, p.271.

[49] No original: "*Despues que se tocan, y se rezan las Auemarias, antes de oyr Missa se juntan a la puerta de la Iglesia los muchachos, y muchachas Brasiles, y diuididos en dos ordenes cãtã a coros en alta voz el Rosario de la Virgen.Dã principio al rosario los muchachos diziêdo.* Bendito y glorificado sea el Sãtissimo nõbre de Iesvs; y respõden las niñas, y el de la Santissima Virgen Maria su madre, por siempre jamas amen.*Y luego comiencan cantando su Rosario; despues de cada diez Auemarias, dizen el Gloria Patri; y acabado el Rosario entran en la Iglesia; y oyen con los demas la Missa* [...]". Cf.: BERETTARI, Sebastiano. *Vida del Padre Ioseph de Ancheta de la Compania de Iesvs, y Provincial del Brasil. Tradvzida de Latin en Castellano por el Padre Esteuan de Patermina de la misma Compañia, y natural de Logroño*. Salamanca: Emprenta de Antonia Ramirez viuda, 1618. Libro Tercero, Cap II, p.157. Este fragmento já havia sido publicado em latim na *Vita R. P.Iosephi Anchietæ Societatis Iesv Sacerdotis in Brasilia defuncti. Ex iis qvæ de eo Petrvs Roterigvs Societatis Iesv Præses Prouincialis in Brasilia quatuor libris lusitanico idiomate collegit, alijs gss monumentis fide dignis a Sebastiano Beretario ex eadem Societate descripta. Prodit nunc primum in Germania*. Coloniæ Agripinæ, Ioannem Kinchivm sub Monocerote, 1617. Liber Secvndvs, § 35, p.163.

acabado o Rosário, entram na igreja e ouvem a Missa com os demais [...]".

5. Novas ordens e novas paragens

No século XVII, essa prática jesuítica começou a se deslocar da costa leste para o interior e para o norte. No Maranhão, independente do Brasil desde 1621, os missionários passaram a ensinar aos índios "*os dogmas da nossa fé, pelo método que para isso traziam, conforme o louvável costume das nossas aldeias do Brasil*", como declara José de Morais, em 1759.[50] O mesmo autor afirma que, no Pará, em 1637, Luis Figueira "*querendo-lhes fosse mais suave o jugo da lei que professaram, lhes compôs em devotas canções pela sua mesma língua, com que haviam de louvar a Deus e sua Mãe Santíssima, aos Anjos e Santos do Céu*".[51] André de Barros, em 1746, informa que, entre os índios da Serra de Ibiapaba (Ceará), nos anos de 1656-1657, os missionários "*Compuseram a santa doutrina em verso, e a ensinavam a cantar com agradáveis tons aos meninos, que a aprendiam*".[52] João Felipe Bettendorf foi o último jesuíta do século a publicar um catecismo em tupi, destinado ao ministério no Maranhão, o *Compendio da Doutrina Christaã na lingua portugueza, & Brasilica...*, de 1678,[53] contendo a "*Oração do sinal da Sancta Cruz*", o "*Padre Nosso*", a "*Ave Maria*", a "*Salve Rainha*" e o "*Creio em Deos Padre*", em versão bilíngüe.[54]

A empresa jesuítica, nesse século, não penetrava os sertões simplesmente para expandir a fé. Na costa leste, o sonho da "conversão" tornava-se, paulatinamente, uma esperança morta, obrigando-os à busca de novas paragens. Mecenas Dourado foi o historiador que melhor ilustrou o drama da Companhia nesses tempos.[55]

> "*E nos princípios do século XVII já não havia índios para catequisar, porque haviam emigrado, fugindo a essa catequese da qual nada compreendiam e nem lhe sabiam o proveito. Os jesuítas entretinham-se com os que puderam ficar ou com os que se renovavam - a serviço deles próprios e dos colonos. Convertidos? Não. Mal domesticados e recebendo passivamente - como sempre fizeram - ou por mera imitação, sem conteúdo psicológico, como sói acontecer aos primitivos, as cerimônias externas que os jesuítas lhes queria fazer representar*".

---

[50] No original: "*os dogmas da nossa fé, pelo methodo que para isso trazião, conforme o louvavel costume das nossas aldeas do Brasil*". Cf.: MORAIS, José de. História da Companhia de Jesus na extincta Província do Maranhão e Pará. In: ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Memórias para a História do Extincto Estado do Maranhão* [...]. Rio de Janeiro: Typ.do Commércio de Brito e Braga, 1860. Livro I, cap.X, p.76.

[51] No original: "*querendo-lhes fosse mais suave o jugo da lei que professarão, lhes compoz em devotas canções pela sua mesma língua, com que havião de louvar a Deos, e sua Mãe Santíssima, aos Anjos e Santos do Ceo*". Cf.: Idem supra, livro II, cap.III, p.202.

[52] No original: "*Compuzerão a santa doutrina em verso, e a ensinavão a cantar com agradáveis tons aos meninos, que a aprendião*". Cf.: BARROS, André de. *Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira* [...]. Lisboa: Nova Officina Sylviana, 1746. Livro II, Parágrafo CCXVII, p.232.

[53] BETTENDORF, João Felipe. *Compêndio de Doutrina Christaã na lingua Portugueza, & Brasilica* [...]. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1678, 10 f. inum., 142 p.

[54] No original: "*Oração do sinal da Sancta Cruz*", "*Padre Nosso*", "*Ave Maria*", "*Salve Rainha*" e "*Creio em Deos Padre*".

[55] Cf.: DOURADO, Mecenas. *A conversão do gentio*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958. p.101-102.

O procedimento desenvolvido pelos jesuítas no século XVI foi utilizado no Brasil até sua expulsão, em 1759. Contudo, a partir da década de 1590, suas experiências passaram a ser aproveitadas por religiosos de outras ordens. Nas aldeias da Paraíba, em c. 1593, os Franciscanos já se utilizavam do canto cristão em tupi, como declara Antonio de Santa Maria Jaboatão, em 1761 : "*Costumavam também os índios cantar muitas cantigas brutais, e gentílicas; e como, eles naturalmente sejam afeiçoados à música, algumas vezes de noite cantavam as ditas cantigas, ao que os Religiosos acudindo, lhes compuseram algumas devotas, que eles cantavam*".[56] Manuel da Ilha, em texto de 30 de agosto de 1621, confirma a prática dos franciscanos, na aldeia de S. Miguel de Iguna (Paraíba), em fins do século XVI: "*muitos dentre eles são mestres em música tanto vocal quanto instrumental, com o que nos dias de festa solenizam o culto divino*".[57] Os capuchinhos, divisão da ordem franciscana, deram seqüência ao aproveitamento da técnica jesuítica na "Franca Equinocial" (Posteriormente Maranhão), entre 1612-1615. Capuchinhos franceses verteram para o tupi a "*Oraison Dominicale*" (*Pater Noster*), a "*Salutation Angelique*" (*Ave Maria*), o "*Symbole des Apostres*" (*Credo*), os "*dix Commandemens de Dieu*" (*Ten Commandments*), os "*Commandemens de la Saincte Eglise*" (*Commandments of th Holy Church*) e os "*Sept Sacremens*" (*Seven Sacraments*), publicados por Yves d'Evreux em 1615.[58] Claude d'Abbeville, em 1614, escreveu sobre um dos índios catequizados do Maranhão, o qual "*começou a Oração Dominical em sua língua, que eles o faziam seguir palavra por palavra. E para o fazer memorizar de forma mais eficaz, fizeram-lhe dizer cantando a* Ave Maria*, o* Credo*, os* Mandamentos de Deus*,* da Igreja *e os* Sete Sacramentos".[59] D'Evreux tambem registrou uma informação dos meninos catecumenos, os quais teriam declarado que "*Eles fizeram vir os* nheengariba, *ou seja, os cantores músicos, para cantar as grandezas de* Tupã".[60]

Na segunda metade do século XVII, instaurou-se uma nova fase. Devido à progressiva extinção dos índios da costa e ao avanço da colonização, a "língua geral" tornou-se, pouco a pouco, desinteressante ao governo português, chegando a ser proibida nas povoações de colonos e em núcleos mistos, por provisão régia de 1727. Os religiosos, a partir dessa época, passaram a se utilizar também de línguas não tupis, sendo os franciscanos, notadamente os capuchinhos, os primeiros que expandiram o ensino musical às nações cariri. Um de seus representantes, Martin de Nantes, residente,

---

[56] No original: "*Costumavão também os Indios cantar muitas cantigas brutaes, e gentilicas; e como, elles naturalmente sejão affeiçoados a musica, algumas vezes de noite cantavão as ditas cantigas, ao que os Religiosos acudindo, lhes compuzerão algumas devotas, que elles cantavão*". Cf.: JABOATÃO, Antonio de Santa Maria. *Orbe Serafico Novo Brasilico* [...]. Lisboa: Officina de Antonio Vicente da Silva, 1671. Cap.XIV, "Relatório" I, p.36.

[57] No original: "*et illorum quam plurimi musicis artibus canendi et pulsandi omnia instrumenta, quibus diebus festivis rem divinam decantant, sunt periti*". Cf.: ILHA, Manuel da. *Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil - 1584-1621* (texto bilingue. Introdução, notas e tradução portuguesa por Frei Ildefonso Silveira). Petrópolis: Vozes / Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1975. p.89.

[58] D'EVREUX, Yves. *Svitte de l'Historie des choses plus memorables aduenues en Maragnan, es annees 1613, & 1614, Second Traite*. Paris: Imprimerie de Francois Huby, 1615. Second traite, cap.VII, f. 286v-290r.

[59] No original: "*commençoit l'Oraison Dominicale en leur langue, qu'il leur faisoit dire mot a mot apres luy. Et pour leur faire retenir plus aisement, il trouua inuention de leur faire dire en chantant, auec l'Aue Maria, le credo, les Commandements de Dieu, de l'Eglise, & les Sept Sacremens*". Cf.: D'ABBEVILLE, Claude. *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnon et terres circonuoisines* [...] Paris: Imprimerie de Francois Huby, 1614. Cap.XIX, f.118 v.

[60] No original: "*Ils feront venir des* Miengarres [ou seja, 'nheengaribas`] *c'est a dire, des chantres Musicies, pour chanter les grandeurs du* Toupan". Cf.: D'EVREUX, Yves. Op. cit., Second Traité, cap.I, f. 247v.

entre 1671 e 1686, em um grupo de aldeias cariri do rio São Francisco (das quais Uracapá era a mais importante), ensinou-lhes a cantar, em português, o *Pater Noster*, a *Ave Maria*, o *Credo* e a *Salve Regina*. Em sua publicação de 1707, declarava que, nessa aldeias, "*Eles possuem o costume de cantar todas as noites, após o jantar, o rosário da Virgem divididos em dois coros, cada um de seu sexo, e cantam à maneira portuguesa muito agradavelmente, com uma espécie de fabordão*".[61]

Martin de Nantes tambem é autor de um "*Cântico Espiritual sobre o Mistério da Encarnação do Verbo Divino*"[62] e de um "*Cântico Espiritual a São Francisco, orago da Igreja Matriz dos índios de Uracapá*",[63] em versão bilíngue português-carirí, publicados em 1709 por seu irmão Bernardo de Nantes.[64] Provavelmente utilizados entre os índios, estes dois cânticos estão entre as primeiras formas de poesia cantada em língua não tupi.

De composição tão antiga quanto os exemplos de Martin de Nantes, são os que Lodovico Vincenzo Mamiani delle Rovere imprimiu no *Catecismo da doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Naçao Kiriri...*, em 1698.[65] Mamiani delle Rovere era um dos jesuítas que partiu para os sertões do país, escrevendo três "*Cantigas na Lingua Kiriri para cantarem os Meninos da doutrina com a versão em versos Castelhanos do mesmo metro*",[66] além de uma versão em cariri do "*Stabat Mater dolorosa*". A novidade é que, pela primeira vez, o autor dedicou um espaço de seu livro à "solfa" desses textos, ou seja, à música com a qual deveriam ser cantados, fato único na América Portuguesa, que indica uma preocupação com o aprimoramento da técnica do emprego musical. Esse espaço, no entanto, foi deixado em branco, provavelmente para que cada missionário nele registrasse a melodia de seu agrado.

Na América Espanhola, foram comuns os catecismos com música impressa, sobretudo no século XVIII,[67] mas é possível que, no Brasil, o acúmulo de insucessos na catequese tenha desestimulado os esforços nesse tipo de publicação.

6. Os índios músicos de Pernambuco

Na *Carta ao P. Provincial do Brasil, Maranhão*, datada de 10 de junho de 1658, o jesuíta português Antônio Vieira refere-se a "*alguns músicos da mesma nação Tobajara, dos que se retiravam de Pernambuco*" que, dessa capitania, transferiram-se para a *Serra de Ibiapaba*, no Ceará.[68] Mas esse assunto foi melhor explorado por Vieira em um texto intitulado *Relação da Missão da Serra de Ibiapaba*, datado de 1659,[69]

---

[61] No original: "*Ils ont de coûtume de chanter tous les soirs la Couronne de la Vierge partages en deux coeurs, chacun de son sexe, & cela aprés leur soûper, & ils chantent á la maniere Portugaise fort agréablement avec une espece de faux bourdon*". Cf.: NANTES, Martin de. *Relation Succinte et Sincere de la Mission du Pere Martin de Nantes* [...] Quimper: Jean Perier, [1707]. Second Partie, p.33.

[62] No original: "*Cantico Espiritual sobre o Mysterio da Encarnação do Verbo Divino*".

[63] No original: "*Cantico Espiritual a S. Francisco, orago da Igreja Matriz dos Indios de Wracapa*".

[64] NANTES, Bernardo de. *Katecismo Indico da Lingua Kariris* [...] Lisboa: Officina de Valentia da Costa Deslandes, 1709. p.152-167.

[65] MAMIANI DELLE ROVERE, Lodovico Vincenzo. *Catecismo da doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri* [...]. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1698. XVI, 236 p.

[66] No original: "*Cantigas na Lingua Kiriri para cantarem os Meninos da doutrina com a versão em versos Castelhanos do mesmo metro*".

[67] LEMMON, Alfred E. Jesuit Chroniclers e Historians of Colonial Spanish America: Sources for the Ethnomusicologist. *Inter-American Music Review*, v.10, n 2, spring/summer 1989. p.119-121.

[68] VIEIRA, Antonio. *Cartas do Padre Antonio Vieira coordenadas e anotadas por J. Lucio d'Azevedo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925. v.I, carta 80, p.477-478.

[69] BARROS, André de (ed.). *Vozes saudosas, da eloquencia, do espirito, do zelo; e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, Pregador de Sua Magestade, e Príncipe dos Oradores Evangélicos: acompanhadas com um fidelissimo echo, que sonoramente resulta do interior da obra Clavis Prophetarum. Concorda no fim a suavidade dass Musas em elogios raros todo reverente dedica*

referente à chegada dos Padres nesse sítio em 1656. Neste fragmento, Vieira elogia o trabalho dos padres que, naquela localidade, ensinaram os índios por meio da música, evocando a opinião de Nóbrega, emitida um século antes, para justificar o cultivo dessa tradição jesuítica:

> “[...] *A* [tarefa] *do edificio espiritual se começou juntamente* [com a do levantamento da igreja] *, porque desde o primeiro dia começaraõ os Padres a ensinar a doutrina no campo, a que concorriaõ principalmente os pequenos, que muito brevemente tomaraõ de memoria as oraçoens, e respondiam com promptidaõ a todas as perguntas do Catecismo. Mas depois, que os Padres lhes ensinaraõ a cantar os mesmos mysterios, que compuzeraõ em versos, e tons muito accommodados, viase bem com quanta razaõ dizia o Padre Nobrega, primeiro Missionario do Brasil, que com musica, e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da America. Foraõ daqui por diante muito mayores os concursos, e doutrinas de todos os dias; e mayores tambem as esperanças, que os Padres conceberaõ de que por meyo desta musica do Ceo queria o divino Orfeo das almas encantar estas féras destas penhas, para as trazer ao edificio da sua Igreja.* [...]”

Em outro fragmento, Vieira descreve sua chegada na Serra de Ibiapaba, na Quarta-feira Santa, 24 de março de 1656, referindo-se, agora, aos índios que vieram de Pernambuco (provavelmente trazidos pelos próprios jesuítas) não para serem catequizados pelos missionários, mas para os auxiliarem em suas tarefas de cristianização. Esses índios de Pernambuco, que tinham “*vozes, e musica de canto de Orgão*”, foram representantes de um fenômeno produzido pelos jesuítas entre fins do séc. XVI e inícios do séc. XVII: o surgimento de índios treinados em música religiosa portuguesa que integravam “capelas” de música, provavelmente em troca de pagamento, gêneros de consumo ou até de abrigo:[70]

> “[...] *Entraraõ na serra em quarta feira de Trevas pela huma hora; e logo na mesma tarde começaraõ os officios, que se fazem com toda a devaçaõ, e perfeiçaõ por serem quatro os Sacerdotes, e os Indios de Pernambuco terem vozes, e musica de canto de Orgão, com que tambem cantaraõ a Missa da quinta feira, e á sexta feira a Paixão, em que vieraõ todos adorar a Cruz com grande piedade, e na tarde ao pôr do Sol se fechou a tristeza daquelle dia com huma procissaõ do Enterro, em que hiaõ todos os mininos, e moços em duas fileiras com coroas de espinhos, e cruzes ás costas, e por fóra delles na mesma ordem todos os Indios arrastando os arcos, e frechas ao som das caixas destemperadas, ꝗ em tal hora, em tal lugar, e em tal gente accrescentava naõ poucco a devaçaõ natural daquelle acto. O officio do Sabbado sancto, e o da madrugada da Ressurreiçaõ se fez com a mesma solemnidade, e festa, a qual acabada, começaraõ os Padres a entender na reformação daquella Christandade, ou na forma, e assento, que se havia de tomar nella; e porque a materia era chea de tantas difficuldades, como se tem visto no discurso de toda esta relaçaõ, era necessaria muita luz do Ceo para acertar em os mayores*

---

ao Príncipe Nosso Senhor O P.André de Barros, da Companhia de Jesus, Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza. Lisboa: Miguel Rodrigues, 1736. § VIII, p.37-38.

[70] VIEIRA, Antonio. Idem supra, § XVII, p.85-87.

> *convenientes, e muita mayor graça de Deos para os Indios os aceitarem, e pôr em execuçaõ.* [...]"

Os índios músicos de Pernambuco foram freqüentemente citados por cronistas dos séculos XVII e XVIII. Luís Figueira foi o primeiro a escrever sobre eles, em 1607, chamando-os de *nheengaraíbas* e informando que seguiam com ele de Pernambuco para o Maranhão e que praticavam música por "*papel*":[71]

> "*São todos estes incrivelmente inclinados a cantar e dançar, e porque os Pitiguares são nisto afamados e conosco iam alguns nheengaraíbas ou mestres de capela desatinavam-nos que cantassem para os ensinarem; e, fazendo revezar ora uns ora outros, cantavam dias e noites, de 24 em 24 horas, sem interromper, até não poderem falar de roucos, tendo isto por valentia e delírios. E a nós pediram que lhes ensinássemos seus filhos o papel (como eles dizem), querendo dizer que lhes ensinássemos a ler e cantar o nosso canto, o que nós com facilidade fizemos para os domesticar; mas eles mostram mui pouco talento para o nosso canto; os do mar, facilmente. Com isto domesticamos muito os meninos, que dantes fugiam de nós, e alguns que estavam em suas roças me vieram dizer que queriam aprender o que eu ensinava aos outros, e muitos diziam resolutamente que se haviam de ir conosco, fugindo de seus pais ou após nós. Entre os quais teve graça um, que representava 12 anos, em dizer que, se os Padres se fossem, não tinha outra coisa que fazer senão abrir uma cova e meter-se nela; e isto com grande sentimento. E outro, estando eu ocupado não sei em quê, se chegou a mim, e, depois de estar um pedaço, me disse: Não sei que é isto, que dantes fugia de ti, e agora não me posso apartar. Isto nos servia para os ensinar e doutrinar, e já sabiam muitos deles a doutrina e algumas coisas de nossa santa fé. Também os fazíamos ensinar a dançar ao modo português, que para eles era a coisa de mais gosto que pode ser*".

Entre 1613-1614, Ives d'Evreux, que esteve na colônia francesa de São Luís do Maranhão, no território então denominado *França Equinocial*, informa, em relação aos índios da localidade, que "*Ils feront venir des* Miengarres *c'est a dire, des chantres Musiciês, pour chanter les grandeurs du* Toupan",[72] utilizando expressão que pode corresponder aos *Nheengaraíbas* ou *Nheengaribas* descritos por Luís Figueira.[73] José de

---

[71] LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa: Edições Brotéria; Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953., p.61. Serafim Leite informa que o manuscrito de Luís Figueira está arquivado no arquivo da Companhia de Jesus em Roma, código *Bras. 8*, f. 76v-77r e já transcrito em seu Livro *Luís Figueira* (Lisboa, 1940, p.129-130), não consultado para este artigo.

[72] D'EVREUX, Yves. *Svitte de l'Historie des choses plus memorables aduenues en Maragnan, es annees 1613, & 1614 Second Traite*. Paris: Imprimerie de Francois Huby, 1615. Second Traité, Cap.I, f. 247v.Nossa tradução: "*Fazem vir os* Nheengaribas*, ou seja, os cantores músicos, para cantar as grandezas de Tupã*".

[73] De acordo com Serafim Leite, esses índios músicos de Pernambuco "*Eram os* Nheengaraíbas*, mestres cantores, ou como traduz, meio etimológica meio humoristicamente, Luís Figueira, 'mestres de capela'. Não era cantar de ouvido, mas por música e papel. A alguns deles levou o mesmo Luís Figueira, quando com o P.Francisco Pinto, tentou em 1607 a junção de Pernambuco ao Maranhão. E lhes serviram na Serra de Ibiapaba (Ceará), para ensinar os moços índios dela, ensino que os* Nheengaraíbas *lhes ministravam 'por papel' (é a expressão de Luís Figueira), e ao qual os índios da Serra assistiam horas a fio, para aprender. Também lhes ensinavam 'a dançar ao modo português que para eles era a coisa de mais gosto que pode ser'. E na Festa da Assunção (15 de Agosto de 1607) celebraram o dia com uma*

Morais, por sua vez, assinala sua presença em São Luís do Maranhão em 1615, sem utilizar a expressão de Figueira, mas referindo-se provavelmente ao mesmo grupo que este acompanhara de Pernambuco para o Maranhão em 1607:[74]

> "*Nos domingos se juntavão todos e antes de entrar a Missa resavão a santa doutrina, ouvião a explicação dos divinos mysterios e assistião ás Missas que nos dias classicos erão cantadas e acompanhadas de muito bom e ajustado som de charamelas, para o que tinhão trazido já ensinados alguns dos Tupynambás no tempo que estiveraõ em Pernambuco, o que tudo convidava os mesmos Indios, que pela sua natural preguiça são de ordinario pouco affectos a qualquer trabalho*".

João Felipe Bettendorf, referindo-se já ao período de Antônio Vieira, informa que "*faziam-se em a aldêa da residencia* [de Ibiapaba, em 1656]*, os officios divinos a canto de orgam com os indios musicos, e charameleiros que lá se achavam vindos de Pernambuco onde dantes moravam*".[75] O mesmo autor volta a mencioná-los pouco tempo depois, chamando-os agora de *Tabajaras* (já foram denominados *Nheengaraíbas* e *Tupinambás*): [76]

> "*Logo que os Padres Missionarios e indios da aldêa souberam que vinha o Padre Subprior Antonio Vieira, o foram receber ao caminho com os Principaes com muita festa e danças dos meninos, e assim o acompanharam até a egreja onde se repicou sino, tocando os Tabajaras Pernambucanos suas charamellas e frautas*".

André de Barros também comenta a chegada de Vieira à Serra:[77]

> "*Era huma hora, e o dia de quarta feira de Trévas, em que se contavaõ 24 de Março* [de 1656]*; e sem mais descanço, nem perder ponto á religiosa regularidade, ordenou logo os Officios daquella tarde, que celebrárão com devaçaõ piedóza. Eraõ quatro os Sacerdotes, que acompanhados dos Indios Pernambucanos, que Tinhaõ, e sabiaõ o canto de Orgaõ, déraõ á terra nóva ternura, ao Ceo alegria*".

Por fim, Bettendorf aponta a existência de alguns deles no Maranhão em c.1663, relacionando-os aos que estiveram em Ibiapaba, na companhia de Vieira e insistindo na denominação *Tabajaras*:[78]

> "[...] *ás mais aldêas todas, assim da ilha como Itapecurú, corria com grande perigo incansável zelo o Padre Gonçalo de Veras, umas por*

---

procissão, a primeira festa naquela apartada Serra, 'com uma dança e um diabrete, etc., o que tudo causou admiração por ser para eles grande novidade; e depois dela, todos foram para suas casas a prantear, por verem que os seus antepassados morreram sem verem tanto bem'." Cf. LEITE, Serafim. *A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI*. Cultura, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.29, jan./abr. 1949. Serafim Leite cita seus Livros *Luiz Figueira* (Lisboa, 1940, p.30, 125, 129, 130) e *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Rio de Janeiro, v.4, 1934, p.295), não consultados para este texto.

[74] MORAIS, José de. Op. cit., Livro I, Cap.X, § 15, p.76-77.

[75] BETTENDORF, João Felipe. Op. cit., Livro III, Cap.3, § 1, p.96.

[76] BETTENDORF, João Felipe. Op. cit., Livro III, Cap.11, § 4, p.123.

[77] BARROS, André de. *Vida do apostólico padre Antônio Vieira*, Op. cit., Livro III, § LXI, p.300.

[78] BETTENDORF, João Felipe. Op. cit., Livro IV, Cap.15, § 2, p.224.

> *terra, outras por mar, não tendo outros remeiros que os rapazes que lhe serviam e tocavam as flautas do tempo do sacrifício da Missa, por ser um delles Tabajara da serra, que sabia tocar, e ter alem destes uns indios charameleiros da mesma nação, com um indio velho, mestre de todos, o qual morava em a aldeia de S. José*".

Os índios músicos de Pernambuco - *Nheengaraíbas*, *Tupinambás* ou *Tabajaras* - observados de 1607 a c.1663, provavelmente aprenderam música com os jesuítas em Pernambuco e, após a extinção da maior parte das aldeias da costa, na transição do séc. XVI para o séc. XVII, os poucos índios catequizados que sobreviveram (entre eles os índios músicos) iniciaram a procura por regiões menos habitadas, seguindo os jesuítas em sua migração para o centro e para o norte do país. Tais índios, descritos por Vieira e outros autores do séc. XVII, eram já representantes da fase de decadência do ensino musical jesuítico, cujo apogeu ocorreu no Nordeste na segunda metade do séc. XVI, período ao qual o escritor português alude freqüentemente ao discorrer sobre a prática musical que defende.

7. Conclusão

Nesses primeiros séculos da colonização do país, foram desenvolvidas todas as técnicas básicas de catequese indígena, sobretudo no que se refere à utilização da música. Inovações surgiram apenas na era do rádio e das gravações, a bem da verdade, em uma época na qual a catequese já não tem mais qualquer função colonizadora, frente à brutal invasão dos territórios indígenas pelas populações brancas. Em períodos mais recentes, a música chegou a ser utilizada até com uma finalidade aparentemente oposta àquela que analisamos, ao pretender "libertar" e não mais catequizar. De qualquer forma, a interferência direta na cultura e na vida do índio brasileiro, até o presente, não vem demonstrando resultados muito construtivos, do ponto de vista sociológico.

Observamos que, nesse processo, a utilização da música exerceu um papel crucial, se não na própria "conversão", ao menos na "deculturação". Desse passado, de particular interesse para a musicologia, resta recuperar e estudar os documentos mais importantes, principalmente os documentos sonoros, para incorporá-los à história da prática musical americana. Não como "peças de museu", mas como exemplos vivos de um tempo ainda não tão distante, para não ter o que nos ensinar.